

O ESPAÇO EDUCATIVO EM CONTEXTO HOSPITALAR: UM ESTUDO EM PORTUGAL**THE EDUCATIONAL SPACE IN A HOSPITAL SETTING: A STUDY IN PORTUGAL**Ana Paula Pires¹, Rita Leal,² Isabel Simões Dias³

RESUMO: Este estudo apresenta e caracteriza o espaço educativo do Centro Hospitalar Leiria/Pombal (CHLP - Portugal) e identifica sugestões para a sua melhoria. Seguindo uma metodologia quantitativa, de índole exploratória, apresenta os resultados de 87 respostas ao “Questionário de Avaliação do Serviço Educativo em Contexto Hospitalar” (parte I e parte III), da autoria de Pires, Leal e Dias (2013). Os resultados revelam que os materiais educativos/pedagógicos/lúdicos disponibilizados no CHLP se adequam às idades e necessidades das crianças, cumprem as normas de segurança e que os utentes conhecem os seus procedimentos de higienização/substituição. A existência de computadores e a cedência de *password* para aceder à internet ou a diversidade de livros e brinquedos são propostas de melhoria deste espaço educativo. Estes dados sustentam o espaço educativo em contexto hospitalar como um espaço com materiais facilitadores do desenvolvimento/aprendizagem e bem-estar das crianças hospitalizadas.

Palavras-chave: Crianças. Contexto Hospital. Espaço Educativo.

ABSTRACT: *This study presents and characterizes the educational space of the Leiria/Pombal Hospital Center (LPHC – Portugal) and identifies suggestions for its improvement. Following a quantitative methodology, of exploratory nature, presents the results of 87 responses to “Questionnaire for assessing the educational service in Hospital setting”(part I and part III), by Pires, Leal and Dias (2013). The results reveal that the pedagogical/educational/entertaining materials provided in LPHC suit the ages and needs of children, obey the safety standards and that users know their cleaning/replacement procedures. The existence of computers and the password to access the internet or the diversity of books and toys are proposals for improvements of this educational space. These data support the idea that educational space in hospital setting is a space with development/learning facilitators’ materials and welfare of children in hospital.*

Keywords: Children. Hospital Setting. Educational Space.

¹ Licenciatura em Educação de Infância pela Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Instituto Politécnico de Leiria (IPL) Educadora de Infância no Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus e membro da equipe do Grupo Projeto Creche (ESECS-IPL) | Portugal E-mail: a.paula45@hotmail.com

² Doutorado em Didática e Formação pela Universidade de Aveiro (UA). Licenciatura em Educação de Infância pela Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Instituto Politécnico de Leiria (IPL) | E-mail: rita_rabiscos@hotmail.com

³ Doutorado em Psicologia pela Universidade de Aveiro (UA). Professora-adjunta da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria e co-coordenadora do Grupo Projeto Creche (ESECS-IPL) | E-mail: isabel.dias@ipleiria.pt



INTRODUÇÃO

O presente estudo discute o espaço educativo em contexto hospitalar, apresentando um exemplo português. Assumindo a criança como cidadã (PROUT, 2005) com direito à educação em diferentes contextos (FONSECA, 1990), defende que a criança deve ter oportunidades para brincar e/ou desfrutar de atividades recreativas e que

As crianças não devem ser admitidas em serviços [hospitalares] de adultos. Devem ficar reunidas por grupos etários para beneficiarem de jogos, recreios e atividades educativas adaptadas à idade, com toda a segurança. (...) O hospital deve oferecer às crianças um ambiente que corresponda às suas necessidades físicas, afetivas e educativas, quer no aspeto de equipamento, quer no do pessoal e da segurança. (INSTITUTO DE APOIO À CRIANÇA, 1998, s/pág.).

A Convenção dos Direitos da Criança, aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1989, registra a necessidade de considerar criança, qualquer ser humano com idade cronológica inferior aos 18 anos, trazendo novos desafios à administração hospitalar, aos técnicos de saúde e solicitando novas condições de acolhimento e hospitalização (LEVY, 2006). Assim, veiculando o defendido pelo Instituto de Apoio à Criança (1998), os serviços de pediatria começam a dotar-se de espaços de brincar (JORGE, 2006) com o intuito de amenizar o desconforto provocado pelo internamento da criança, tornando o ambiente (mais) suave, (mais) relaxado e (mais) divertido (SANTOS, 2006 e SOUZA, 2011).

De acordo com Cordeiro (2006), o

espaço educativo deverá ser um espaço próprio de fácil identificação pelas crianças e suas famílias, estar aberto e disponível sempre que os utentes o pretendam utilizar, constituindo-se como um espaço promotor de socialização e de aprendizagens. Para Mitre e Gomes (2004), o espaço lúdico de uma unidade pediátrica não deverá ser apenas um depositário de brinquedos, mas um espaço de segurança afetiva e de ação controlada para a criança internada, um local onde ela escolhe o que lhe apetece fazer, sem qualquer conotação com procedimentos invasivos e dolorosos. Deverá, assim, ser um espaço com materiais diversificados e de fácil acesso que cumpram todos os procedimentos de segurança/higienização/substituição (DECRETO-LEI n.º 43/2011; CARDOSO, 2007 e CARDOSO, CORRÊA e MEDEIROS, 2005). (1)

Neste(s) espaço(s) educativo(s), o brinquedo constitui-se como um importante recurso (LINDQUIST, 1992) uma vez que potencia um estado de calma e de segurança, facilitando à criança a vivência de atividades estimulantes e divertidas - brinquedo como instrumento de redução do *stress* (inerente à hospitalização) e como catalisador de medos e angústias (MOTTA & ENUMO, 2004).

Pereira (2009) defende que os brinquedos, enquanto objetos, devem ser explorados livremente pela criança e constituir-se como recursos importantes na aquisição de conhecimentos da criança independentemente da função para o qual é designado. Argumenta que a criança vai construindo o conhecimento do mundo que a rodeia através do lúdico, seja através do brinquedo e das brincadeiras, dos jogos de regras e/ou de dramatizações.



Favero, Dynieicz, Spiller e Fernandes (2007) associam o espaço educativo em contexto hospitalar a uma “brinquedoteca”, ou seja, um espaço de brincar onde o objetivo passa pela possibilidade de minimizar os traumas psicológicos do internamento através do jogo e das brincadeiras. Estes autores acreditam que a utilização de materiais lúdicos, em contexto hospitalar, pode acelerar o processo de recuperação da criança, diminuindo o tempo de internamento e, conseqüentemente, baixando os custos associados ao mesmo.

Ainda no campo dos interesses e necessidades da criança hospitalizada, Souza e Alonso (2007) consideram da máxima importância a possibilidade de oferecer à criança material de *software* lúdico-educativo que permita a utilização orientada de redes sociais enquanto recurso facilitador de contacto entre amigos, familiares e/ou como meio de comunicação entre os professores de forma a receber e enviar tarefas escolares.

Este ambiente educativo solicita recursos humanos da área da educação (INSTITUTO DE APOIO À CRIANÇA, 1998) que, através da sua ação educativa, proporcionem às crianças hospitalizadas um atendimento pedagógico que ultrapasse os muros da escola/instituição educativa (FRANCO & SELAU, 2011). Este serviço educativo prestado poderá ser compreendido como um processo alternativo de educação, uma vez que ultrapassa as estratégias de aprendizagem (muitas vezes tradicionais) preconizadas pelas instituições educativas.

Neste processo de intervenção educativa em contexto hospitalar, a comunicação revela-se como uma estratégia fulcral uma vez que permite a continuidade do

desenvolvimento/aprendizagem da criança com a regularidade possível (SOUZA, 2011). Como defendem Matos e Mugiatti (2006, p. 71-72):

Observa-se que a continuidade dos estudos, paralelamente ao internamento, traz vigor às forças vitais da criança (ou adolescente) hospitalizada, como estímulo motivacional, induzindo-a a se tornar mais participante e produtivo, com vista a uma efetiva recuperação. Tal fato, além de gerar uma integração e participação ativa que entusiasma o escolar hospitalizado, pelo efeito da continuidade da realidade externa, contribui, ainda que de forma subconsciente, para o desencadeamento da vontade premente de necessidade de cura, ou seja, nasce uma predisposição que facilita a cura e abrevia o seu retorno ao meio a que estava integrado.

Brito (2006) corrobora esta ideia e defende que este espaço educativo em contexto hospitalar seja dinamizado por educadores de infância, docentes com conhecimentos e competências adequadas para interagir com as crianças e famílias e, cumulativamente, transformar espaços inóspitos em ambientes agradáveis.

Valorizando a intervenção educativa em contexto hospitalar apresentamos e caracterizamos o espaço educativo do Centro Hospitalar Leiria/Pombal (Portugal) e identificamos sugestões para a sua melhoria.

METODOLOGIA

Este estudo quantitativo, de característica índole exploratória, visa apresentar e caracterizar o espaço educativo do Centro Hospitalar Leiria/Pombal (CHLP - Portugal) e identificar sugestões para a sua melhoria. (2)



Amostra

Participaram neste estudo 87 sujeitos, com competências ao nível da leitura e da escrita da língua portuguesa (independentemente de situações de emigração ou idade cronológica). Tendo em conta que o estudo foi desenvolvido na unidade de internamento do serviço de pediatria que acolhe crianças até aos 18 anos de idade, criaram-se dois grupos de respondentes: i) grupo A - constituído por crianças até aos 10 anos de idade e cujo questionário foi respondido pelos seus acompanhantes e ii) grupo B - constituído por crianças dos 10 aos 18 anos de idade e cujos questionários foram respondidos pelos próprios.

O grupo A (80,5% do total das respostas), quanto aos acompanhantes de crianças até aos 10 anos, era maioritariamente constituído pelos pais das crianças hospitalizadas (87,2% mães e 11,4% pais). Estes pais tinham idades cronológicas entre 19 e 27 anos (8,7%), entre os 28 e os 36 anos (53,6%) e entre os 37 e os 52 anos (37,7%). Uma irmã com trinta anos de idade que acompanhava uma das crianças (1,4%) também participou no estudo.

O grupo B (19,5% do total das respostas), crianças dos 10 aos 18 anos, era constituído por 52,9% sujeitos do género feminino e 47,1% do masculino. Relativamente às suas idades, 41,2% tinham idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos e 58,8% entre os 15 e os 18 anos.

Das crianças hospitalizadas (grupo A e grupo B), 55,2% eram do género masculino e 44,8% do feminino. Relativamente às suas idades, 49,4% tinham entre os dois meses e os três anos de idade, 11,5% tinham entre os

quatro e os seis anos, 11,5% tinham entre os sete e os dez anos e 27,6% das crianças tinham idades compreendidas entre os onze e os dezoito anos. Eram naturais de Portugal (94,3%), da Alemanha (1,1%), da Ucrânia (1,1%) e do Brasil (3,5%). (3)

Para 66,7% das crianças em estudo era a primeira hospitalização, mas para 33,3% já era, pelo menos, a segunda vez que estavam em situação de internamento. (4)

Quanto aos motivos de hospitalização, a maioria das crianças (27,7%) foi hospitalizada para realizar intervenções cirúrgicas e 15,1% por bronquiolite. Com pneumonia foram internadas 9,3% das crianças e com dificuldades respiratórias 5,8%. Com febres altas, infeções nas articulações e diabetes foram hospitalizadas 3,5% das crianças, respetivamente. Outros motivos para a hospitalização foram adenovírus, membros fraturados e bronquite asmática (2,3%, cada) e infeção urinária, vómitos, gripe, infeção por bactéria, remoção de gesso e fios, recusa de alimentos, estomatite, púrpura, dificuldades na administração de medicamentos em casa, laringite, unha encravada, quisto, amigdalite, síndrome nefrótica e entorse (1,1%, cada). Do total de sujeitos, 8,2% optou por não responder.

Instrumento de recolha, procedimento e análise de dados

Para a realização deste estudo recorreu-se ao inquérito por questionário, um instrumento utilizado (i) na recolha de informação para sustentar o desenho e a tomada de decisões políticas nas áreas da saúde e educação (ARY, JACOBS, SORENSEN & RAZAVIEH, 2010) e (ii) quando



se pretende abranger um elevado número de sujeitos em que todos respondem às mesmas questões da mesma forma (BRACE, 2008).

Optando-se pela utilização do “Questionário de avaliação dos serviços educativos em contexto hospitalar” (PIRES, LEAL e DIAS, 2013), um questionário constituído por 40 questões (13 abertas e 27 fechadas) distribuídas ao longo de quatro partes: parte I – caracterização sociodemográfica do respondente, parte II – caracterização da relação da docente com a criança/pais, parte III – caracterização do espaço educativo e parte IV – caracterização das atividades desenvolvidas em parceria com o serviço de pediatria (5), aplicou-se o questionário a 102 respondentes no serviço de pediatria do CHLP, sempre no dia da alta do utente, entre os meses de novembro de 2012 e janeiro de 2013. (6)

Os dados recolhidos foram analisados com recurso ao *software* SPSS Statistics (versão 20). A análise quantitativa dos dados centrou-se nos indicadores de estatística descritiva, optando-se pela apresentação das percentagens arredondadas para um dígito após a vírgula decimal.

Neste estudo apresentam-se os dados relativos à parte I (caraterização sociodemográfica do respondente/caraterização da amostra) e à parte III do questionário (caraterização do espaço educativo).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dos 102 questionários aplicados, excluíram-se 15 (por preenchimento de apenas uma parte ou mau preenchimento quanto à identificação do respondente), tendo-

se validado 87.

Apresentação e caracterização do espaço educativo do CHLP

O espaço educativo faz parte integrante do serviço de pediatria do CHLP. Neste hospital, o serviço de pediatria encontra-se dividido em cinco áreas (urgência pediátrica, enfermaria, berçário, unidade de cuidados especiais neonatais e pediátricos e consulta externa de pediatria), procurando ministrar cuidados de saúde diferenciados aos recém-nascidos e crianças até aos 18 anos de idade. A unidade de internamento do serviço de pediatria, para responder às necessidades das crianças e das suas famílias, conta com uma equipa multidisciplinar de profissionais (pediatras, pedopsiquiatras, enfermeiros, assistentes operacionais, psicólogos clínicos, um educador de infância e dois professores de Ensino Básico) que prestam cuidados de qualidade, num ambiente seguro e adequado à idade e desenvolvimento de cada criança.

No que se refere ao desenvolvimento de atividades educativas, o serviço de pediatria conta com duas salas, uma direcionada para crianças até aos 9 anos de idade e outra direcionada às crianças dos 10 aos 18 anos de idade. Ambas as salas têm mobiliário e decoração adequada às idades das crianças. Quanto ao material lúdico, a sala destinada às crianças menores está equipada com televisão, leitor de DVD's, jogos, livros e brinquedos adequados às diferentes faixas etárias e material de desgaste. A sala destinada às crianças mais velhas está equipada com televisão, computador sem acesso à internet, impressora e alguns jogos.

Concretizando uma parceria com o



Ministério da Educação (consubstanciada no Protocolo de Cooperação existente entre o Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus e o Serviço de Pediatria do CHLP – “Programa: O Melhor do Mundo são as Crianças”), o serviço de pediatria conta com a colaboração de três docentes (uma educadora de infância a tempo inteiro que acompanha as crianças até aos 9 anos e duas professoras do Ensino Básico a tempo parcial que acompanham as crianças dos 10 aos 18 anos). Para além desta parceria, o serviço de pediatria conta com a colaboração da Sociedade Artística e Musical dos Pousos (Leiria) que desenvolve atividades no âmbito da música com periodicidade quinzenal, da Biblioteca Afonso Lopes Vieira (Leiria) que faz empréstimo de livros com periodicidade bissemanal, da Escola Secundária Afonso Lopes Vieira (Leiria) que desenvolve atividades sobre a

segurança infantil com uma periodicidade mensal e da Casa-Museu João Soares que promove momentos de histórias e exploração de materiais, com uma periodicidade mensal.

Estes dados colocam em evidência o emanado pelo Instituto de Apoio à Criança (1998) e o defendido por Fonseca (1990) e Cordeiro (2006) quando defendem a educação em contextos diferenciados em espaços promotores do bem-estar, da socialização e da aprendizagem.

Para caracterizar este espaço educativo, os sujeitos inquiridos avaliaram as características dos materiais educativos/pedagógicos/lúdicos através de uma questão com escolha múltipla, conforme dados da figura 1.

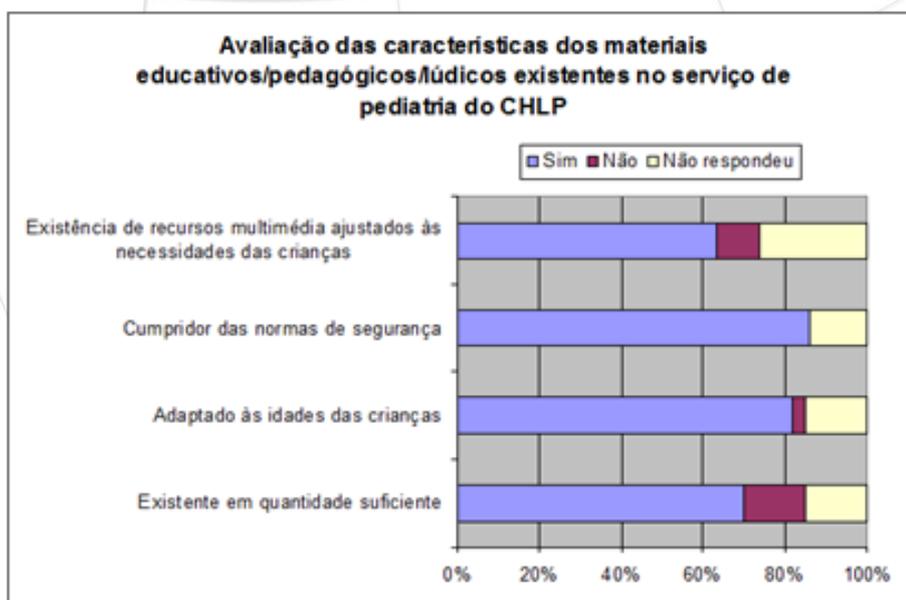


Figura 1 – Avaliação das características dos materiais educativos/pedagógicos/lúdicos existentes no serviço de pediatria do CHLP.

Os dados revelaram que os materiais disponibilizados no serviço de pediatria do

CHLP estavam adaptados às idades e necessidades das crianças, seja ao nível da



quantidade disponibilizada ou no cumprimento das normas de segurança. No que se refere à quantidade de materiais, a maioria dos respondentes referiu que os mesmos eram em quantidade suficiente (70,2%); 14,9% referiram que não eram e 14,9% não responderam à questão.

No que respeita ao grau de adaptação dos materiais às idades das crianças, a maioria dos respondentes (81,7%) referiu que os materiais se encontravam adaptados às idades das crianças; 3,4% dos respondentes referiram que não estavam adaptados e 14,9% não responderam à questão. Já ao que alude às normas de segurança, 86,2% dos respondentes consideraram que os materiais respeitavam as normas de segurança (13,8% não responderam à questão). De referir que nenhum respondente considerou que os materiais disponibilizados não cumpriam as normas de segurança necessárias. Estes resultados estão de acordo com o previsto na legislação em vigor, nomeadamente o Decreto-Lei Nº 43/2011, de 24 de março.

Relativamente à existência de recursos multimédia ajustados às necessidades das crianças, a maioria dos respondentes (63,3%)

referiu que eles existiam; 10,3% referiram que não existiam e 26,4% não responderam à questão.

Questionados sobre se gostariam de encontrar algum brinquedo/material educativo específico (ver figura 2), a maioria não apontou qualquer sugestão (55,2%). Dos 18,4% respondentes que apresentaram sugestões, mencionaram que gostavam de encontrar material multimédia como jogos, DVD's e *playstations* (35,8%), "triciclos e moto4" (21,5%), material direcionado para crianças mais pequenas (14,3%), "brinquedos de meninos" (7,1%), "brinquedos com música e luzes" (7,1%) e a existência de mais livros (7,1%). Houve, ainda, a referência à necessidade de existirem pilhas para os brinquedos didáticos disponibilizados (7,1%) e 26,4% dos sujeitos não respondeu à questão.

Estes dados parecem corroborar as evidências de Jorge (2006), Santos (2006) e Mitre e Gomes (2004) quando enfatizam a necessidade dos espaços educativos em contexto hospitalar se constituírem como espaços de brincar que tornem o ambiente de internamento (mais) suave, relaxado e divertido.

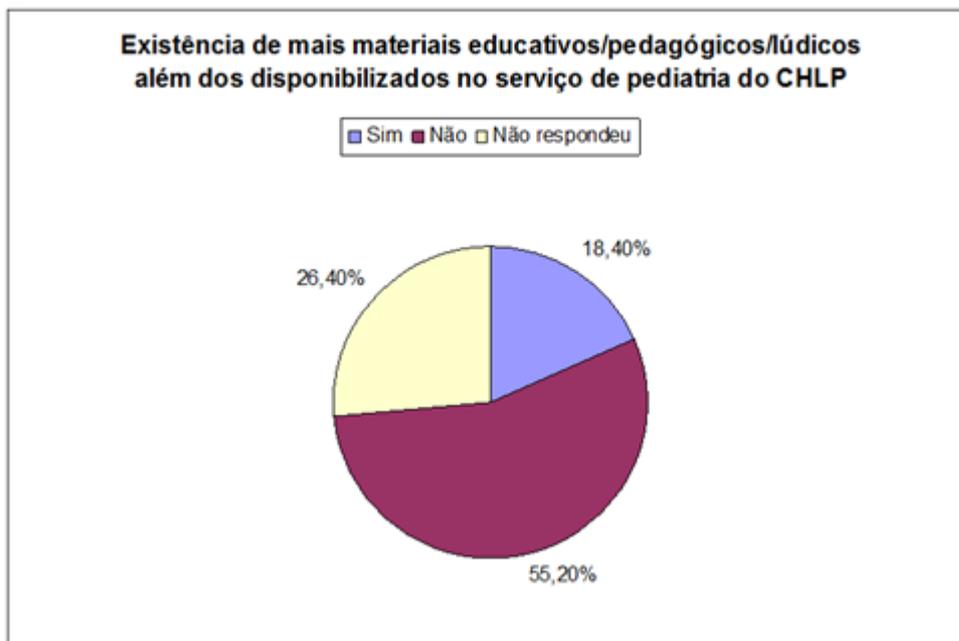


Figura 2 – Existência de mais material educativo/pedagógico/lúdico além dos disponibilizados no serviço de pediatria do CHLP.

Quanto ao conhecimento inerente aos procedimentos relativos à higienização/substituição dos materiais educativos/pedagógicos/lúdicos (figura 3), a maioria dos respondentes (63,3%) referiu que os conhecia, salientando a necessidade de (i) colocar os brinquedos utilizados em caixas

próprias para posteriormente se efetuar a sua higienização (89,5%) e (ii) proceder à higienização do espaço e das mãos (10,5%). Das restantes respostas, 27,6% referiram não conhecer os procedimentos de higienização e 9,1% não responderam à questão.

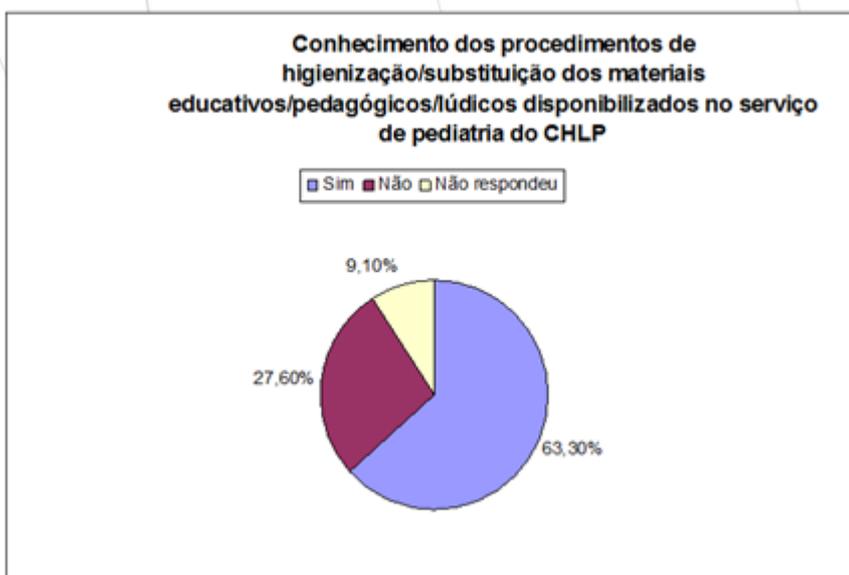


Figura 3 – Conhecimento dos procedimentos de higienização dos materiais educativos/pedagógicos/lúdicos disponibilizados no serviço de pediatria do CHLP.

Estes resultados corroboram o defendido por Cardoso (2007) e Cardoso, Corrêa e Medeiros (2005) quando reforçam a importância de se criar e dar a conhecer aos utentes planos de adesão para controlar e prevenir as infeções através do uso do material educativo/pedagógico/lúdico disponibilizado.

Quanto às sugestões apontadas para melhorar o equipamento da sala de atividades do serviço de pediatria do CHLP, os respondentes apontaram a existência de computadores (14,5%) e a cedência de *password* para aceder à internet (28,6%), a existência de maior diversidade de livros e brinquedos (21,4%), a existência de material ajustado à idade das crianças, nomeadamente as mais novas (7,1%), a possibilidade de “colocar meninas novas a tomar conta de crianças mais pequenas” (7,1%), a existência de uma “casinha das bonecas e cadeiras mais pequenas” (7,1%), “mais lápis de cera e de pau” (7,1%) e ainda a existência de brinquedos com som (7,1%). 9,2% dos respondentes referiu não ter sugestões por considerarem que o equipamento disponibilizado era bastante bom e diversificado e 75,9% dos sujeitos não respondeu à questão.

Estas sugestões parecem corroborar os dados de Lindquist (1992) e de Motta e Enumo (2004) sobre o papel do brinquedo enquanto recurso educativo redutor do *stress* e quando defendem a necessidade de diversificar o material educativo/pedagógico/lúdico existente no serviço de pediatria dando-se resposta às

diferentes faixas etárias das crianças (alguns respondentes sugeriram a aquisição de material adequado às crianças mais novas, nomeadamente crianças até aos 3 anos). Outra sugestão apontada pelos respondentes passa pela disponibilização de computadores e de *password* para aceder à internet. Esta sugestão vem ao encontro do que referem Souza e Alonso (2007), considerando estes autores que a existência de material *software* lúdico-educativo potencia a recuperação da criança, dado que permite a comunicação entre esta e os seus amigos, familiares e professores.

CONCLUSÃO

O estudo aqui apresentado com o objetivo de apresentar e caracterizar o espaço educativo do Centro Hospitalar Leiria/Pombal (Portugal) e de identificar sugestões de melhoria deste mesmo espaço, evidencia o conhecimento dos respondentes sobre os materiais existentes neste espaço e sobre os cuidados de higienização a adotar.

Minorar o efeito do internamento na vida quotidiana da criança e fomentar um espaço educativo com recursos pedagógicos/lúdicos diversos promotores do desenvolvimento/aprendizagem da criança, revela-se como uma característica do serviço educativo do CHLP. Os resultados deste estudo mostraram que os utentes estavam satisfeitos com o espaço educativo e com o material disponibilizado, identificando sugestões de melhoria como a diversidade de material pedagógico/educativo/lúdico (incluindo material multimédia, acesso à



internet para computadores pessoais e brinquedos para crianças mais pequenas).

RERERÊNCIAS

ARY, D., JACOBS, L. C., SORENSEN, C. K. & RAZAVIEH, A. **Introduction to Research in Education** United Kingdom: Cengage Learning, 2010.

BRACE, I. **Questionnaire design: how to plan, structure and write survey material for effective market research.** United States: Kogan Page Ltd., 2008.

BRITO, I. O acolhimento e a hospitalização da criança pequena. In: SANTOS, L. **Acolhimento e estadia da criança e do jovem no hospital.** Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 2006.

CARDOSO, M. F. A. A higienização dos brinquedos no ambiente hospitalar. In: VIEGAS, D. **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização.** Rio de Janeiro: WAP, 2007.

CARDOSO, M. F., CORRÊA, L., & MEDEIROS, A. C. A higienização dos brinquedos no ambiente hospitalar. **Prática Hospitalar**, 2005 (42)29-42

CORDEIRO, E. A escola, que espaço no hospital? In: SANTOS, L. **Acolhimento e estadia da criança e do jovem no hospital.** Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 2006.

FAVERO, L., DYNIEICZ, A. M., SPILLER, A. P. M. & FERNANDES, L. A. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de enfermagem: Relato de experiências. **Cogitare Enferm**, 2007 12(4)519-524.

FONSECA, A. **Guia dos direitos da criança.** Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 1990.

FRANCO, P. F. P. & SELAU, B. A atuação do pedagogo no ambiente hospitalar: algumas reflexões. **Revista Liberato**, 2011 12(18)107-206.

INSTITUTO de APOIO à CRIANÇA. **Carta da criança hospitalizada. Humanização dos serviços de atendimento à criança.** Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 1998.

JORGE, A. Animação cultural no hospital: parceiros ou concorrentes. In: SANTOS, L. **Acolhimento e estadia da criança e do jovem no hospital.** Lisboa: Instituto de Apoio

à Criança, 2006.

LEVY, M. L. A convenção dos direitos da criança/idade pediátrica. In: SANTOS, L. **Acolhimento e estadia da criança e do jovem no hospital.** Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 2006.

LINDQUIST, Y. (1992). Brincar no hospital. In: FRIEDMANN, A. **O direito de brincar: a brinquedoteca.** São Paulo: Scritta, 1992.

MATOS, E. L. M. & MUGIATTI, M. M. T. F. **Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde.** Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

MINISTÉRIO da ECONOMIA, da INOVAÇÃO e do DESENVOLVIMENTO. **Decreto-Lei nº 43/2011**, de 24 de março. [Acesso em 2013 junho 6] Disponível em: <http://dre.pt/pdf1sdip/2011/03/05900/0164301662.pdf>.

MITRE, R. M. A. & GOMES, R. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2004 9(1)147-154.

MOTTA, A. B. & ENUMO, S. R. F. Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. **Psicologia em Estudo**, 2004 9(1)19-28.

PEREIRA, M. L. D. **Design inclusivo – um estudo de caso: tocar para ver – brinquedos para crianças cegas e de baixa visão.** Dissertação de mestrado em Design e Marketing. Universidade do Minho: Braga, 2009.

PIRES, A. P., LEAL, R. & DIAS, I. **Relatório Avaliação da qualidade do serviço educativo em contexto hospitalar: o exemplo do Centro Hospitalar Leiria-Pombal.** Leiria: Centro Hospitalar Leiria-Pombal & Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Instituto Politécnico de Leiria, 2013.

PROUT, A. **The future of childhood: towards the interdisciplinary study of children.** London: RoutledgeFalmer, 2005.

SANTOS, L. (2006). Atividade lúdica – Espaço, objetivos e eu profissionais intervêm? In: SANTOS, L. **Acolhimento e estadia da criança e do jovem no hospital.** Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 2006.

SOUZA, A. M. A formação do pedagogo para



o trabalho no contexto hospitalar: a experiência da Faculdade de Educação da UnB. **Linhas Críticas**, 2011 17(33)251-272.

SOUZA, A. M. S. & ALONSO, C. M. Las tecnologías aplicadas a la educación especial integradora: la contribución del software "Hércules y Jiló". **Linhas Críticas**, 2007 13(24)131-150.

Notas:

- (1) Ainda que haja um lugar próprio para este espaço educativo, Santos (2006) lembra que não deverão ser esquecidas as crianças acamadas (ou que não se podem deslocar a este espaço), sugerindo que se lhes facilitem os materiais apropriados à sua idade, aos seus interesses e à sua condição física.
- (2) Este trabalho faz parte de uma investigação mais alargada que procurou avaliar a qualidade do serviço educativo em contexto hospitalar desenvolvido entre 2011/2013 numa parceria entre o Serviço de Pediatria do Centro Hospitalar Leiria/Pombal e o *Grupo Projeto Creche* (Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria).
- (3) As crianças naturais de Portugal eram do concelho de Leiria (41,4%), Nazaré (4,6%), Alcobaça (2,4%), Porto de Mós (6,9%), Marinha Grande (10,3%), Batalha (5,7%), Pombal (5,7%), Fátima (8,1% crianças) e do concelho de Coimbra (9,2%).
- (4) Relativamente ao número de dias que as crianças estiveram hospitalizadas no último internamento, a maioria dos respondentes (9,2%) referiu que o último período de internamento durou quatro dias, 8,1% responderam que durou três dias, 4,6% referiram ter estado internadas durante um dia e outras 4,6% durante dois dias. Houve 2,3% dos respondentes que referiram que o período do último internamento foi de oito, nove e dez dias

respetivamente e 1,1% dos respondentes que referiram que o último internamento durou sete dias. Do total de respondentes, 1,1% não respondeu à questão e 64,4% respostas foram consideradas não aplicáveis por se encontrem em situação de primeiro internamento no momento em que preencheram o questionário.

- (5) Construído para este estudo, o "Questionário de avaliação dos serviços educativos em contexto hospitalar" (Pires, Leal & Dias, 2012) passou por várias etapas até à sua versão final: 1ª etapa: construção do instrumento e seleção dos participantes do estudo a partir dos critérios de inclusão na amostra; 2ª etapa: validação do instrumento de recolha de dados junto de um painel de juizes com formação na área da saúde e da educação (diretor do Serviço de Pediatria e duas docentes do 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico que davam apoio pedagógico no hospital); 3ª etapa: realização de um pré-teste seguido de uma conversa informal sobre o preenchimento com 10 potenciais respondentes (5 mães, 2 pais e 3 crianças); 4ª etapa: reformulação do inquérito por questionário e definição da versão final com 40 questões (13 questões abertas e 27 fechadas) distribuídas ao longo de quatro partes (parte I – caracterização sociodemográfica do respondente, parte II – caracterização da relação da docente com a criança/pais, parte III – caracterização do espaço educativo e parte IV – caracterização das atividades desenvolvidas em parceria com o serviço de pediatria).
- (6) É de referir que neste período se registou uma grande afluência de internamentos de crianças com idade cronológica até aos 3 anos, possível razão explicativa para o número de questionários respondidos pelos acompanhantes das crianças ser superior aos respondidos pelas crianças com idade a partir dos 9 anos.